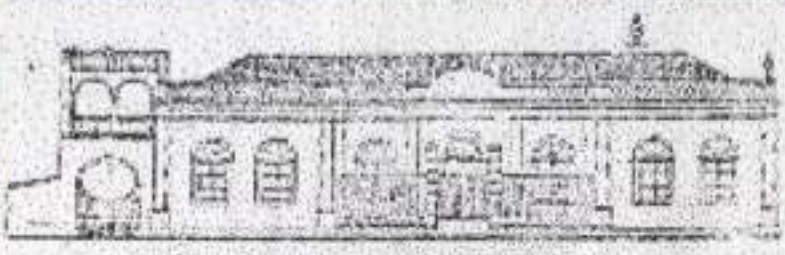
J. FERNANDES MASCARENHAS

O Cerro de S. Miguel

— 1969 —



MUSEU DO TRAJO
S. Brás de Alportel
Biblioteca
Inv. N.º 111 Cota N.º 3-1

Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de Documentação

Composto e impresso nas oficinas da
Emp. LitoGRÁFICA DO SUL, S.A.R.L.
Telef. 161 — Vila Real de Santo António
1.000 ex. ———————— 15/7/69

J. FERNANDES MASCARENHAS

O Cerro de S. Miguel

(Subsídios)

— 1969 —

Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de Documentação

Edição da Junta de Freguesia de Moncarapacho

CONSIDERAÇÕES GERAIS

O cerro de S. Miguel, «o melhor miradouro do Sul do País», como há anos o designámos em um dos nossos artigos publicados na imprensa regionalista é, sem dúvida, um elemento da maior importância para o turismo algarvio.

Dele disfruta-se um panorama vastíssimo e encantador, dada a posição ideal em que o cerro está situado.

A valorizá-lo dispõe hoje de uma estrada que nos conduz ao seu ponto mais alto, ainda em construção, é certo, mas uma vez concluída e melhorada, há-de contribuir grandemente para a finalidade turística que se pretende.

Neste sentido, manda a justiça que se diga que a Câmara Municipal de Olhão não se tem poupado a esforços para conseguir tão importante melhoramento, olhando com vistas largas o futuro do concelho, para o que tem contado com a boa colaboração da Junta de Freguesia de Moncarapacho e de grande número dos proprietários das fazendas que a estrada atravessa, aproveitando em parte, o trabalho de um dos entusiastas da ideia da construção da estrada, que foi quem pràtica-

mente iniciou a obra tornando-se assim seu pioneiro.

O cerro de S. Miguel ou Monte Figo está situado na zona central do Algarve a 411 metros acima do nível do mar e dele parece ter tirado Moncarapacho o seu nome (*Origens dos Topónimos das Freguesias do Concelho de Olhão e de alguns dos seus sítios, 1962*, do autor).

Essencialmente calcário, no seu cimo encontra-se calcite cor de mel, rósea e quase hialina, assim como «calhaus rolados de quartzo e quartezites vindos sem dúvida da região primária e com tôdas as características dos elementos atribuídos ao pliocénico» (Doutor A. de Medeiros Gouvêa, *Algarve* — Aspectos Fisiográficos, 1938, pág. 80).

Nele existe também um filão eruptivo que se pode seguir «desde o caminho que liga Barranco de S. Miguel a Palmares, atravessando o monte de S. Miguel em todo o comprimento da charneira anticlinal» (Idem, pág. 134).

Esse filão é de basalto alterado com olivina e, na vertente sul do mesmo cerro, quase na base, encontram-se rochas com grandes amonites fossilizadas, algumas delas com cerca de 0,19 m. de diâmetro.

Na vertente norte do cerro, existe o Barranco de S. Miguel, a parte habitada, cuja população, residindo em casas que tanto têm de pitorescas como de primitivas, totalizava

em 1960, *94 habitantes*, segundo o X Recenseamento Geral da População (Tomo I, Vol. 2.º, pág. 244), população que hoje é menor, em virtude do grande surto emigratório para a França e Alemanha, sobretudo.

Uma boa parte do cerro é cultivada e cheia de árvores frutíferas, tais como alfarrobeiras, figueiras, oliveiras e amendoeiras, o que não sucede na vertente sul, virada para o mar, na qual apenas existem uns figueirais (ou o

Um aspecto do cerro de S. Miguel

cerro não fosse designado também por Monte Figo!), alguns pinheiros plantados há muitos anos mas que nunca se desenvolveram, a par de medronheiras, carrasqueiras e outros arbustos.

No respeitante a plantas silvestres, é interessante contemplar a sua variedade, sobretudo na Primavera, desde o rosmaninho com as suas flores roxas, às rosas albardeiras com flores de tom quase semelhante, ao tomilho

de flores azuis e às giestas de flores amarelas, etc., numa sinfonia de cores e de perfumes que enche o ar da sua fragrância.

Na vertente virada para sudoeste o cerro apresenta-se escalvado e desprovido, portanto, de vegetação.

Seria uma medida de certo valor económico e até paisagístico que se arborizasse essa parte do cerro com espécies vegetais apropriadas, de acordo com a carta de solos do Algarve, se porventura ela existe, e as respectivas condições climatéricas.

Com a série de melhoramentos que a Câmara Municipal de Olhão em tão boa hora tem empreendido no cerro de S. Miguel, em cujo número se contam as vias de comunicação e a electrificação de toda a zona, não só está a contribuir para o desenvolvimento turístico do concelho e do Algarve, como conseguindo algo em benefício da população, por forma a evitar-se o seu êxodo.

O CERRO DE S. MIGUEL NA MITOLOGIA

Sítio poético, o cerro de S. Miguel foi, na antiguidade, um magnífico ponto de referência para a navegação.

Alguns autores de assuntos de arqueologia e história apontam-no como uma espécie de Olimpo, fazendo certamente eco da ideia que se teria radicado no povo, em especial entre

as tripulações dos barcos que demandavam as paragens mais ocidentais da Europa.

Referimo-nos aos marinheiros fenícios,

O antigo marco geodésico com a cruz que o encimava

gregos, cartagineses e romanos, embora o cerro tivesse sido também ponto de referência

nos tempos da monarquia portuguesa e até ainda hoje.

A propósito das relações do cerro de S. Miguel com a mitologia, escrevíamos em 1943:

«As navegações antigas tomaram-no para ponto de referência e a própria mitologia, segundo W. Christ, no que foi seguido por Müllenhoff, se lhe encontra ligado, opiniões estas, aliás, contraditadas pelo eminente sábio Prof. Doutor Leite de Vasconcellos na sua erudita obra *Religiões da Lusitania «(O cerro de S. Miguel e a sua capela»*, no «Povo Algarvio»).

«W. Christ e Müllenhoff consideravam-no como a *montanha sagrada* à qual de noite ninguém podia ir, porque então a visitavam os deuses» *(Religiões da Lusitania,* ob. cit., Vol. II, pág. 12 e 13, passagem trancrita no nosso artigo *O cerro de S. Miguel e a sua capela,* cit).

Por sua vez o Prof. Schulten que tanto estudou a arqueologia peninsular, interpretando e comentando o poema de Avieno, *Ora Marítima,* diz que o cabo consagrado a Zéfiro «no puede ser el cabo Sta. Maria (que es plano y poco importante)», mas sim o Monte Figo, cerca desse cabo, isto é, o cerro de S. Miguel no Algarve.

Segundo o referido autor, «La cumbre del Céfiro, levantada en el *iugum verticis* (...) es el Monte Figo, que, alto 400 m., sobresale a manera de un castillo del monte entre Loule

y Tavira (que es de una altura de 200-300 m.) y esta frecuentemente cubierto de nubes. Una vista de la cumbre y del monte se halla en la Iam V, 26 del «Derrotero».

«Al Céfiro, diz o mesmo autor, parece que tambien los Tartesios le tributaban culto,

A capela de S. Miguel

porque ellos, al volver a sua terra desde la Oestrimnida, desde el cabo Sagrado (Monte de Meca cerca do cabo Trafalgar) eram impulsados por el Céfiro (viento Oeste). En realidad la mayor parte del año en estas regiones del Oceano soplan los vientos de Oeste». *(Fontes*

soplan los vientos de Oeste» (*Fontes Hispaniae Antiquae,* ob. cit., pág. 97).

Como *Flora,* a deusa das flores e da Primavera, a quem os Sabinos e, mais tarde, o povo romano lhe dedicaram templos, *Zéfiro* era também uma divindade particular, mas de certa importância, dadas as relações dos povos que o veneravam, com o Ocidente da Europa. E a amenidade de *Zéfiro* casa-se bem com *Flora* a deusa cujo culto daria lugar aos chamados jogos florais, que tinham o seu início em Abril e duravam seis dias. Enquanto *Zéfiro* era representado da forma que vimos anteriormente, *Flora* representavam-na fresca e cheia de juventude, entre lírios e rosas, com uma cornucópia donde saem frutos e flores (*Mitologia,* ob. cit., pág. 131).

Afinal, todas estas opiniões sobre o cerro de S. Miguel atestam a importância em que foi tida esta montanha nimbada de lenda, onde se erguia, até há bem pouco, uma pequena cruz, no seu ponto mais alto, levando de vencida todas essas tradições pagãs.

Apesar de tudo, *Zéfiro* e *Flora* prendem-se-lhe num grande amor, que se traduz nessa brisa suave que protege a navegação através da grande massa azul do oceano que se estende em frente do cerro e enche os caminhos de flores, num sonho eterno de Primavera.

Cabe, porém, ao Arcanjo S. Miguel com a sua espada triunfante de vencedor de Lúcifer, desse anjo que a soberba rebelou contra

Deus, o verdadeiro domínio espiritual do cerro.

De *Zéfiro* apenas resta o que nos dizem os livros de mitologia! *(a)*

A CAPELA E O CRUZEIRO DO CERRO DE S. MIGUEL

Após a reconquista do Algarve aos mouros, S. Miguel passou a ter culto no cerro do seu nome.

Diz a tradição que esse Arcanjo apareceu no ponto mais alto do cerro e quando iam aí edificar um templo em sua honra, com enorme admiração encontravam, no dia imediato, as ferramentas dos operários na encosta norte do cerro, ou seja no local onde se ergue o actual templo.

Embora episódios semelhantes sejam apontados já nos tempos pagãos, quere-nos parecer que semelhante versão popular está a indicar-nos que nunca teria existido qualquer capela no alto do cerro em honra de S. Miguel, até porque nunca aí apareceram vestígios de alicerces a comprovar tal hipótese.

A propósito diz-nos o Dr. Ataíde Oliveira na sua *Monografia do Concelho de Olhão*, 1906, pág. 189, o seguinte:

«Consta da tradição que no princípio a

(a) Este trabalho, agora refundido, foi publicado pela primeira vez no jornal «Povo Algarvio», de 1-5-1949.

ermida coroava o mais alto do serro; por ali ter aparecido aos fieis o santo.

Não se sabe a razão porque depois se construiu a nova ermida na encosta. Naturalmente foi tomada essa resolução depois de arruinada a primitiva capella, e de se reconhecer a grande dificuldade que os fieis tinham de ali chegar, vistas as dificuldades do caminho aspero e diffícil».

Por seu turno, João Baptista Lopes fala-nos na cruz de S. Miguel, mas não se refere à localização da capela no alto do cerro.

Na sua *Corographia do Reino do Algarve* informa o referido autor que: «No cumo deste serro, a 2.000 pés de altura sobre o nível do mar, foi collocado por D. Francisco Gomes um pedestal de alvenaria, e nelle uma cruz de madeira, que já se destruiu».

Em substituição dessa cruz foi colocada quando foi construído o marco geodésico anterior ao existente, uma cruz de pedra que foi destruída ainda não há muitos anos.

O Padre João Baptista de Castro diz-nos acerca do mesmo cerro o seguinte:

«*Monte do Figo.* No Algarve junto do lugar de Moncarapacho existe esta montanha meia légua distante para o Norte. É de áspera subida, em que se gastam algumas horas, por ter quase um quarto de légua. Em cima tem uma admirável planície com muitas águas, e árvores de todas as castas silvestres e frutíferas. Sobre esta planície se levanta outro

Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de Documentação

monte, a que se sobe com maior dificuldade, e no cumo está uma cruz, e uma cova donde se tira muita terra por devoção, e para remédio de várias enfermidades; porque afirmam que aparecera ali o Arcanjo S. Miguel e é venerado em uma ermida do seu nome, que por este motivo os fiéis lhe edificaram. É este monte o primeiro que avistam os navegantes que vêm das Índias de Castela» (*Mappa de Portugal Antigo e Moderno,* obra escrita no século XVIII, 3.ª edição, de 1870, Tomo 1.º, pág. 59).

Junto da capela havia casas para o ermitão, conforme se escreve numa visitação do bispo D. Francisco Gomes do Avelar, citada por Ataíde Oliveira na *Monografia do Concelho de Olhão,* pág. 191, casas que hoje já não existem.

Por outro lado, numa visitação feita por outro prelado do Algarve em 1608, igualmente citada pelo referido autor diz-se: «que em termo de 15 dias, sob pena de vinte cruzados, *comecem a fabricar* a capella da Ermida de S. Miguel e para isso hajam à mão todo o dinheiro, (rendimento da dita Ermida) que está na mão de João Arez» (Ob. cit, pág. 192).

Ora semelhante determinação está a indicar-nos tratar-se duma reconstrução da ermida. Mesmo se observarmos bem, quer a porta principal desse templo quer a lateral, os sinais góticos são evidentes, prova que a ermida é muito mais antiga.

O templo tem sofrido várias reconstruções através dos tempos, a penúltima das quais no ano de 1943, mandada efectuar pelo Rev.º Senhor Padre Isidoro Domingos da Silva, dedicado pároco de Moncarapacho, assim como a actual reconstrução também iniciada pelo mesmo Rev.º Pároco, mas completada, generosamente, pela Câmara Municipal de Olhão.

À inauguração da capela em 1943 presidiu S. Ex.ª Rev.ma o Senhor D. Marcelino António Maria Franco, saudoso bispo do Algarve, que também visitou nessa data a cruz no alto do cerro.

A esse velho cruzeiro era também costume irem pagar promessas, até quase na actualidade, como igualmente o faziam na capela.

São tradições do nosso povo que denotam a sua fé sincera em Deus através dos Seus santos, em cujo número está S. Miguel, arcanjo muito venerado em Portugal desde os princípios da nossa nacionalidade, e de que o ínclito infante D. Pedro, o das sete partidas do Mundo e um dos heróicos conquistadores de Ceuta, foi fervoroso devoto.

Templo rústico, com a sua propriedade privativa, mas sem qualquer valor artístico, a capela de S. Miguel vale, sobretudo, pelo que ela representa na vida espiritual da freguesia onde está localizada. A não ser a imagem do padroeiro, que realmente é boa, os portais de pedra em estilo gótico que valem apenas pela sua antiguidade, um crucifixo e um fron-

tal de madeira, com pinturas e dourados do século XVII, nada mais essa capela tem digno de nota.

A ela faziam-se antigamente romarias muito concorridas e festas que ainda hoje os antigos recordam com saudade, no tempo em que só era possível escalar o cerro a pé ou a cavalo.

Tudo isto o cerro de S. Miguel recorda na sua simplicidade.